

MEMÓRIA. UMA VIRTUDE PARA VIVER MELHOR

Memory.
A virtue to live better

Luiz Fernando Bandeira de Melo^()*

Resumo

O que precisamos para viver melhor do que somos? Praticar ações para o bem do outro? Esta é uma das fórmulas encontradas na literatura, filosofia, religião e demais formadores de ideologias que ajudam o bem viver. Mas nenhuma das receitas abre mão do uso da memória para a prática da boa ação. A memória é uma faculdade que o homem possui, desenvolve, e renova ao longo de sua vida, tornando-a indispensável para a sua sobrevivência e convivência. A conduta moral do indivíduo expressa suas habilidades no uso das virtudes que possui guardadas na memória, e aliadas ao livre-arbítrio decisório no comportamento com o outro, permite um viver melhor. Platão pode ajudar a entender esse lembrar de ações corretas e desejáveis.

Palavras-chave: Memória. Virtude. Conhecimento. Viver Melhor.

Abstract

What we need to live better than we are? Practice actions for the good of the other? This is one of the formulas found in literature, philosophy, religion and other trainers of ideologies that help the right to live. But none of the recipes give up the memory usage to the practice of good deed. Memory is a faculty that man owns, develops, and renovates through out your life, making it essential for your survival and coexistence. The moral conduct of the individual expresses their skills in the use of the virtues that it has stored in memory, and combined with the free will in decision-making behavior with each other, allows a live better. Plato can help understand this think of right action and desirable.

Keywords: Memory. Virtue. Knowledge. Livebetter.

INTRODUÇÃO

São várias as classificações existentes para as virtudes humanas, mas qualquer uma está subordinada intrinsecamente à questão da memória ou reminiscência do conhecimento adquirido. A virtude, verbete de origem no grego ἀρετή (*areté*), – em que sua melhor significação entendo ser a qualidade moral singular do homem – foi tratada pelos filósofos da Antiguidade como uma disposição constante para a prática do bem, representada por boas ações. O homem não age deliberadamente em direção ao bem do outro sem a memória e o conhecimento de suas ações pretéritas que resultaram nesse

^(*)Doutorando em Filosofia. Universidade de Coimbra. Filosofia da Religião.
E-mail: lfbandeirademelo@gmail.com.

bem ao próximo. E o que é esse conhecimento? Como adquirimos e armazenamos o conhecimento para uso instantâneo? Como se dá a lembrança ou memória dos fatos acontecidos? Como sabemos que nossas ações foram boas ao outro? Estas e questões ambivalentes serão tratadas aqui, tentando mostrar que uma atitude solidária trará ao homem a lembrança necessária para em ações futuras, na continuidade comportamental, viver melhor. Utilizaremos a ajuda incondicional de Sócrates e Platão, conhecedores e divulgadores da imortalidade da alma e cujos textos estão repletos de ensinamentos sobre ações prudentes para um porvir de vida melhor.

A reminiscência ajuda a responder essas questões. Ela traduz a memória guardada e lembrada no momento necessário. Através dela o homem processa no pensamento o reconhecimento do que aprendeu em tempos idos, proporcionando-lhe condições adequadas para classificar suas ações retrógradas, usando o livre-arbítrio de maneira conveniente para solucionar as dificuldades das atitudes atuais. J. Ferrater Mora direciona a explicação do termo reminiscência (do grego αναμνησεως = *anamneses*) ao que encontramos em Platão, afirmando: “A reminiscência, porém, não é apenas o fundamento do saber verdadeiro, mas uma das provas principais da imortalidade da alma”(MORA, 2004, p.2509)¹. Assim, também estaremos desenvolvendo este artigo em direção às afirmações do filósofo ateniense Sócrates e seu discípulo Platão, que possibilitam uma reflexão sobre a ideia da memória e sua utilização para uma vida melhor, não só cotidianamente, mas também no além-túmulo; preocupação recorrente no pensamento ateniense daquele período clássico.

Platão desenvolve a ideia da reminiscência de atos pregressos influenciando as características morais da personalidade do homem. Para o filósofo grego, a alma vivia num mundo inteligível² contemplando a verdade do divino, mas em determinado momento foi condenada a sobreviver num mundo sensível. No diálogo platônico *Fedro*, encontramos o mito da paelha alada onde a alma, após cometer erros, é submetida ao castigo de deixar o mundo inteligente e viver no mundo sensível. Nesta nova situação, ela lembra vagamente das coisas divinas e boas. Esta é a teoria da reminiscência de Platão.

¹ Verbete “Reminiscência”, Tomo IV, Q-Z.

² A alma é a sustentação da doutrina das ideias em Platão e a sabedoria é alcançada pelas almas ao contemplarem o Mundo Inteligente. Suas ações erradas são punidas com a obrigação de viverem no Mundo Sensível. No Mundo Inteligente a verdade é absoluta e independente do mundo sensível. A principal diferença entre esses mundos platônicos é a ideia do divino que o mundo inteligível oferece, e que é buscada pelo homem.

Esta lembrança das coisas divinas é requerida pela memória e repõe constantemente a necessidade do homem grego de buscar viver melhor em suas ações, para poder usufruir do convívio divino no mundo invisível do além-túmulo. Esta foi a transposição socrática para os rituais religiosos, em especial os órfico-pitagóricos e eleusinos, que prometiam uma salvação após a morte.

Platão apresenta a reminiscência pela primeira vez no diálogo, o *Mênon*, conforme classificação cronológica dos seus textos. Foi neste texto que o discípulo de Sócrates mostrou sua ideia sobre o aprendizado do conhecimento através da reminiscência. Nele Sócrates fala da imortalidade da alma usando um escravo, que não possuía algum entendimento de geometria, e com perguntas direcionadas, extrai do escravo conhecimento contido em sua memória. Aquele serviçal de Mênon, ao final da entrevista, apresenta a dedução de um teorema, assunto inteiramente desconhecido para ele³. Não usaremos esse viés do pensamento, mas sim a ideia da reminiscência como lembrança de fatos vividos preteritamente em sua existência, sem a conotação da visão do mundo divino vislumbrado pela alma no mito da parelha de cavalos alados do *Fedro*.

Mas o que é esse conhecimento que a reminiscência resgata? O ato de adquirir conhecimento define a cognição que está indelevelmente indexada à memória, e naturalmente à reminiscência comparativa de coisas e fatos retrógrados. A reminiscência proporciona uma necessária captação dos atos pretéritos do moral interior que se tornam expostos para novas reflexões no agir cotidiano. Temos então, a reminiscência expondo retrogradamente a ação cognitiva do homem.

Não podemos esquecer que o complexo de habilidades do cérebro, representativo da ação cognitiva, apresenta algumas funções mentais que possibilitam uma melhor resolução deliberativa para as diversas situações do comportamento humano. Entre aquelas habilidades destacamos a memória e o conhecimento, como componentes presentes também na ideia platônica da reminiscência. Ideia que estaremos discutindo neste trabalho, mostrando a reminiscência como uma virtude que proporciona o conhecimento para um viver melhor, viver prudentemente, com temperança. Assim, os exemplos que utilizaremos de Sócrates nos diálogos platônicos, mostrarão como a memória facilita a interatividade entre o ontem e o hoje da existência do homem, uma vez que oferece condições de detectar as coisas dos mundos inteligível e

³*Mênon* (82a a 85b), (PLATÃO, 2001, p. 52 a 63). Preciso alertar que a reminiscência platônica neste diálogo se reporta a uma lembrança do mundo dos deuses, visto repentinamente pela alma de acordo com o mito da parelha de cavalos alados que Platão expõe no *Fedro* (246a-d), (PLATÃO, 2008, p.58/59).

sensível, embutidas por um véu de esquecimento temporário, e compreendê-las, oportunizando, então, o conhecimento para agir da melhor maneira possível em direção a um viver melhor.

Todo esse processo de adequação das virtudes cognitivas ao conhecimento, proveniente da lembrança ou memória de atos registrados pela reminiscência, estará neste artigo apresentando argumentos para compreendermos que a religiosidade imbricada nas interlocuções socráticas, é um fato indispensável no comportamento do homem para a busca de uma vida imortal melhor para sua alma, isenta dos malefícios proporcionados pela conduta pecadora, entendendo o pecado como a ação de ‘errar o alvo’⁴.

Errar o alvo nas ações cotidianas tem como conseqüência uma memória repleta de conhecimentos que podem conduzir a novas atitudes que errarão ou não o alvo, novamente, conforme o aprendizado moral e religioso adquirido pelo homem. Sócrates, no diálogo apócrifo *Axioco*, esclarece seu interlocutor moribundo que a vida futura de além-túmulo será de felicidade conforme a mudança de comportamento que o homem assume diante da convivência com o outro, fazendo o melhor possível para o bem deste, evitando errar o alvo em suas atitudes, ou seja, não praticando atos prejudiciais a seu conviva.

LEMBRANÇA DA VIDA IMORTAL – O MUNDO SAGRADO

A imortalidade da alma está disseminada no conhecimento do homem desde os primeiros livros conhecidos pela humanidade. A ideia de vida após a morte pode ter surgido com o medo do desconhecido, ou do que poderia acontecer após a morte. Os pesquisadores apontam o conhecimento da imortalidade da alma desde os primórdios das civilizações. Este saber se encontra de forma insofismável no *Livro dos Mortos* dos antigos egípcios⁵, possivelmente escrito antes do século XVI a.C., encontrado numa secção do “Papiro de Nani”, cuja data está entre 1040 e 945 a.C. Destacamos as anotações sobre esse livro que faz Luiz Carlos Teixeira de Freitas, observando a particularidade da alma viva após a morte do corpo, como lemos no início do capítulo I:

⁴Do grego ‘αμαρτία – hamartía.

⁵ Segundo Luiz Carlos Teixeira de Freitas que prefacia a tradução de Edith de Carvalho Negraes, editada em 2005 pela Hemus, *O Livro dos Mortos*, cujo nome verdadeiro era *Saída para o Dia* (ou para a Luz), teve “sua primeira versão em 1842 por Ricardo Lepsius”, tendo sido descoberto pelo arqueólogo francês Champollion, no Papiro do Nani. (*O Livro dos Mortos*, 2005, p.12).

Começam aqui os capítulos que relatam a Saída da Alma para a plena Luz do dia, sua Ressurreição no Espírito, sua entrada e suas Viagens às Regiões do Além. São as seguintes as palavras que se deve pronunciar no dia da Sepultura, no momento em que, separada do Corpo a Alma entra no mundo do Além. (NEGRAES, 2005, p.23).

O mundo invisível sempre foi motivo de especulação entre os pensadores e, para a humanidade, o seu desconhecimento provoca curiosidade e medo. Mas encontramos nos grupos voltados às ideologias religiosas, desde os tempos antigos, explicações místicas e lendárias que amenizam as ansiedades que o medo provoca no homem. A fé nos deuses produziu consolo através dos mitos e das revelações oraculares, mas também exigiu dos seus adeptos disciplina e abnegação nas atitudes ritualistas para alcançar os bens desejados para uma vida futura de bem-aventurança.

Nessa linha reflexiva Platão apresenta a importância da memória para a conduta entre os homens, e em Sócrates, um exemplo de ações ilibadas com o foco na prudência e temperança. Pois, a memória para o filósofo ateniense, representava o apoio para as atitudes diante das decisões que se fazem necessárias para o bom relacionamento e, principalmente, para que a alma não leve para o além-túmulo condições adversas que não permitam uma vida de bem-aventuranças no mundo da imortalidade. Não abordaremos em detalhes os argumentos sobre a imortalidade da alma em Platão – que deixou diversas anotações sobre esse tema – mas afirmamos ser a imortalidade da alma o tema central na doutrina de Sócrates⁶.

Precisamos assim destacar no *Fedro*, o mito da parelha de cavalos alados que foca a ideia da vida imaterial, vida da alma fora do corpo. Mito em que Platão faz Sócrates mostrar a imortalidade da alma e o amor divino⁷. O amor dos deuses panteônicos pelos homens estava vinculado às atitudes que os homens demonstravam para com o próximo. Os moradores do Olimpo estavam constantemente punindo os homens que se comportavam de forma inadequada às determinações divinas. Não tinham a noção do pecado religioso, mas a *hamartia*, ações de errar o alvo, que para o grego era um erro moral de prejudicar terceiros, era rigorosamente cobrada. Tal conduta errônea era revista por herdeiros daqueles que praticavam o mal, sendo tratados esses erros com a punição pelos tribunais atenienses, inclusive com a ideia de seus parentes se livrarem do

⁶Encontram-se expostos alguns argumentos sobre a imortalidade da alma: No *Fedro* item XXV vê-se a alma que move a si mesmo (245c-e); Na *Sétima Carta*, citada acima, (335a) Platão diz da necessidade de aceitar as antigas e sagradas tradições sobre a imortalidade da alma; e ainda no *Mênon*; entre outros diálogos.

⁷No *Fedro*, entre os itens XXVI e XXXIII (246a/252c). (PLATÃO, 2007a, p. 70/79).

miasma, decorrente do sangue derramado injustamente⁸. Platão discute essa preocupação do ateniense sobre a herança miasmática no diálogo *Êutifron*.

O mito do *Fedro* fala sobre a alma criada como ser inteligente e discorre a vida das almas humanas no tempo de suas origens e o que elas puderam contemplar das coisas divinas. O mito indica que essas experiências extracorpóreas são resgatadas através da memória e o homem pode com elas conduzir sua vida em direção ao divino, com fé no desconhecido cuja memória, impregnada pela satisfação das lembranças, aproxima o homem das ações que busquem um retorno àquela vida de contato com o divino, que apesar de não ser experienciada materialmente, o faz sentir a necessidade intrínseca de reviver aquele convívio com o sagrado, após sua morte. E esse objetivo, segundo Sócrates mostra no *Axíoco*, só acontece se o homem tratar o próximo de forma temperante e prudente, evitando a injustiça em suas ações.

Ainda no mito mencionado, Platão representa a alma do homem como um carro puxado por uma parilha de cavalos alados. A partir dessa alegoria, o filósofo afirma que nossas ações boas produzem forças às asas que guarnecem a alma imortal, mas que ao contrário, a prática de ações que erram o alvo prejudica essas asas tirando suas forças. Portanto, durante a vida, é necessário, para o retorno ao convívio com o divino, o homem possuir asas fortes o suficiente para ascender até o mundo inteligível, moradia dos deuses. A necessidade de uma vida plena de felicidades no além-túmulo é alimentada constantemente pela memória reminescente do convívio pretérito com o sagrado, exposto pelo mito da parilha de cavalos alados.

Assim, a expectativa do homem é muito grande para o que vai acontecer com sua alma após a morte do corpo. A existência de um mundo divino, sagrado, invisível ou como Platão define, um mundo inteligível, é uma noção nata no pensamento da maioria dos humanos. E o viver bem no mundo da imortalidade da alma, mesmo ambiente de convívio com o deus em que acredita, se torna uma ansiedade ou meta para o homem. Desde a Antiguidade encontramos grupos religiosos que propagam a boa ação como a melhor fórmula para esse bem viver no além-túmulo. Bem viver que se resume na proximidade com o Deus criador de todas as coisas e detentor do destino dos homens, numa vida isenta dos males que o mundo sensível insinua a todos.

⁸Ver *Miasma*, texto que relata explicitamente as dificuldades entre os gregos de conviver com erros de conduta de seus antepassados. Robert Parker, 1983.

A REMINISCÊNCIA – A MEMÓRIA QUE MUDA O COMPORTAMENTO

A Reminiscência, anamnese ou simplesmente memória, significa lembrança. E essa lembrança, segundo Platão traz ao homem a vontade de reviver o mundo inteligível do sagrado, como vimos acima, onde a verdade é absoluta e a vida repleta de satisfações divinas. Essa vida destituída dos prazeres mundanos é o alvo de desejo da humanidade regida pela religiosidade. O homem ciente de Deus, sente o impulso divino de se religar a esse Ser superior, sagrado – Deus. Situação definida para a alma que se redimiou dos seus pecados – alma que conduz sua vida terrena repleta de atitudes com o próximo coerentes com a máxima de fazer o melhor para este – livrou-se das dívidas de fazer mal ao outro quando pecou, ‘errou o alvo’ nas decisões que tomou para suas ações.

E o que são essas dívidas? Como reconhecer seus erros e ou pecados?

O homem se ressentido das atitudes praticadas que prejudicam o outro por um sentimento divino de justiça, que é nato, de amor ao próximo. Fica, portanto, se cobrando do mal que praticou, sua memória o pune ininterruptamente. Este estado emocional transparece cotidianamente em tempo imediato, logo após uma ação má, ou pode, muitas das vezes, ser impercebido nos homens que praticam o mal indiscriminadamente e não se importam com as consequências dos seus atos. Não desenvolveremos aqui sobre o mérito das ações más, mas destacamos suas consequências no comportamento do homem que lembra do mal provocado por essas ações que praticou, aquele cujos atos errados são alvos da reminiscência perturbadora. Isto é atuante no homem que já conhece a verdade explicitada pela ideologia religiosa cristã.

Quando o indivíduo está próximo a tomar uma decisão sobre ações a praticar, o processo de reminiscência é acionado e, geralmente sua memória lhe traz à consciência algum ato praticado semelhante àquele que está prestes a executar. Consideramos que, em determinadas situações de urgência o tempo entre a lembrança e a ação é ínfimo, mas mesmo nestes casos o homem recebe da memória um aviso de que aquela ação poderá ser má ou boa. E aí, em cada um aflora a sensação de que aquela ação poderá ser reflexiva, reversa, tornando sua vida futura indesejável.

O livre-arbítrio é acionado em todas as decisões do homem, e essa sensação de fazer o bem ou o mal ao próximo é responsável pela decisão tomada antes das ações praticadas, até as instantâneas, e que fazem parte da administração da sua memória. O homem que já possui o discernimento do mal que pratica e é sabedor que este mal é

revertido em sua própria economia emocional futura, tem melhores condições de agir de acordo com o bem ao próximo, mesmo que egoisticamente pense nas consequências espelhadas das suas atitudes.

Então, as ações do indivíduo são, de maneira impreterível, relativas à reminiscência dos seus comportamentos pretéritos. Como já vimos, os tempos imemoriais da história mostram a preocupação do homem com sua alma no além-túmulo, e a vida da alma após a morte será emocionalmente e ou moralmente, uma consequência dos atos praticados na sua vida. Considerando a dualidade bem e mal das atitudes com o outro, a humanidade está sempre refém da reminiscência para tomar as melhores decisões que levem sua alma à uma vida futura sagrada, ou seja, sem as dívidas de consciência por ter praticado mal ao próximo.

Quanto mais sabedor de que o mal ao próximo é consequenciado na sua própria situação de vida futura e imortal, cuja alma se direciona ao mundo divino após se desprender do corpo com a morte deste, o homem utiliza e necessita veementemente da memória reminiscente para garantir decisões que o levem a agir na direção da máxima divina de ‘fazer ao próximo aquilo que deseja para si mesmo’.

O FUTURO DA ALMA EM SÓCRATES E PLATÃO

Reportando ainda ao filósofo ateniense, a morte do corpo é o principal expediente para que a alma se torne livre do invólucro denominado por Sócrates, no *Górgias*, como sua tumba⁹, tema visto também nos textos platônicos *Apologia de Sócrates* e *Fédon*.

Na defesa que Platão faz do seu mestre, encontra-se de maneira insofismável a posição de Sócrates a respeito do destino da alma após a morte do corpo quando ele diz ser melhor, entre os dois destinos para a alma de um morto,¹⁰ aquele em que a alma está ‘do lado de lá’ sujeitando-se a exames com outras almas, tal como fazia ele próprio no seu dia-a-dia: “Os de lá são mais felizes que os de cá, entre outros motivos, por serem imortais pelo resto do tempo, se a tradição está certa.” (PLATÃO, 1972a, p. 33).¹¹

⁹ “Não faz muito tempo, ouvi de um sábio que presentemente estamos mortos e nosso corpo é uma tumba”. (PLATÃO, 1970, p.131 a 133).

¹⁰ “Morrer é uma destas duas coisas: ou o morto é igual a nada, e não sente nenhuma sensação de coisa nenhuma; ou, então como se costuma dizer, trata-se duma mudança, uma emigração da alma, do lugar deste mundo para outro lugar” (*Defesa de Sócrates*, 40c8-14 – PLATÃO, 1972a, p. 32).

¹¹ *Defesa de Sócrates*, 41c8-10.

O método dialético de Sócrates, o *élenkhos*¹² possibilita uma reflexão catártica que podemos indubitavelmente traduzir como ‘iniciação’ a uma nova maneira de agir, ou seja, induz um início de percepções reminiscentes da memória que levam o interlocutor a se propor a alterar seu gênero de vida com a finalidade de ter uma melhor oportunidade de vida futura e após a morte de seu corpo, isento dos castigos editados pelos preceitos religiosos tradicionais que levavam os profanos a carregar, como vemos no *Górgias* (493b7/c2):

Os mais infelizes são esses, os profanos, que baldeiam água para o barril furado numa vasilha igualmente furada, uma peneira. Peneira, de acordo com quem me contou isso, ele chamou à alma; comparava a alma dos parvos a uma peneira, cheia de furos, porque nada pode reter por falta de fé e de memória. (PLATÃO, 1970, p. 132).

O comportamento ritualístico do ateniense, tendo como foco a preocupação futurista da vivência da alma do homem após a morte do corpo, foi modificado por Sócrates ao se afastar das iniciações órfico-pitagóricas e eleusinas, presas a ritos e textos divinos que prometiam uma vida pós-morte feliz aos iniciados nesses eventos religiosos. Segundo a tradição órfico-pitagórica, aqueles que não tivessem a oportunidade de ser um dos adeptos a seus rituais ou que ignoravam tais mistérios, sua alma passaria pela infelicidade de castigos horríveis no além-túmulo, condição também propagada nos versos do Hino a Deméter, relacionado pelos estudiosos como texto principal nos Mistérios de Êleusis¹³;

Ditoso aquele que, na terra, viu esses mistérios.
No entanto, aquele que não foi iniciado
E aquele que não tomou parte dos ritos não gozarão,
Depois da morte, das venturas do iniciado, nas sombrias e hórridas moradas.
(ELIADE, 2010, p. 277)

¹² O método *élenkhos* em que Sócrates utiliza a questão “O que é X?” Fórmula interrogativa com perguntas, respostas e refutações, onde X sendo uma virtude, tinha a finalidade de obter definições universais de sua essência. Nesta constante busca da essência das virtudes do homem, ou seja, do ser e seu interior, encontrar-se uma forma de iniciação para uma nova maneira de vivenciar os problemas religiosos. Uma maneira própria de Sócrates para conduzir seu interlocutor a um bem maior na sua perspectiva de vida futura.

¹³ Eram ritos com a conotação de iniciação e tinham como foco o culto e reverência às deusas panteônicas Deméter e Perséfone, com objetivo de obter boas safras, uma vez que tais deusas eram responsáveis pela agricultura.

Sócrates inova esse pensamento de “senhas”, ou “palavra de passe” para o destino das almas no Hades, como conceitua Nunes Sobrinho¹⁴. Tais senhas¹⁵ são desmistificadas pelo filósofo mestre de Platão com a proposta de que os males do Hades não atingem o homem depois da morte se ele mantiver ações caridosas e piedosas¹⁶ durante seu tempo de vida no corpo, ou seja, se viver ponderadamente, sem errar o alvo, sem pecar. Percebemos que essas práticas ritualistas estavam sobrepostas ao regime da religiosidade grega, cuja origem eram os cultos de mistérios órfico-pitagóricos que buscavam a salvação da alma como objetivo para vencer a morte. Salvação vinculada à prática dos rituais de iniciação.

Por que falamos em salvação da alma? Uma vez que a alma sobrevive à morte do corpo, por que esta preocupação em salvá-la? O que acontece com a alma no além-túmulo? Não estamos aptos para desenvolver um trabalho em torno da doutrina soma-sêma (σωμα-σεμα) apresentada por Platão no diálogo *Crátilo*, para isso já existem alguns excelentes trabalhos¹⁷. Mas, é interessante, porém, lembrar as anotações que no *Fédon* Platão propõe, para discutir sobre a alma e sobre a sua imortalidade.

Esse diálogo é considerado ao longo da tradição histórica de Platão, como a principal exposição sobre a alma e suas características principais. No apontamento de Cebes – um interlocutor de Sócrates naquele diálogo – mostra-se necessariamente uma questão primordial do entendimento sobre a imortalidade da alma (PLATÃO, 1972, p. 78. 70b3-8): “Isso, todavia, requer sem dúvida uma justificação, a qual provavelmente não há de ser coisa fácil, para fazer crer que depois da morte do homem a alma subsiste com uma atividade real e com capacidade de pensar”.

A concepção sobre a alma e sua imortalidade, como visto anteriormente, já era conhecida dos gregos desde antes de Homero, seguido por vários outros pensadores como Tales de Mileto, Heráclito, Pitágoras e Empédocles. Uma importante contribuição

¹⁴ Rubens Garcia Nunes Sobrinho em seu artigo *Iniciação ao Princípio* editado na Revista *Archai* “A fórmula de reconhecimento *eu sou filho da Terra e do Céu estrelado* identifica o aspirante com a estirpe divina e sugere sua purificação ritual prévia: ela serve como palavra de passe que garante o acesso à divindade.” (NUNES SOBRINHO, 2011, p.66).

¹⁵ A senha é comentada por Alberto Bernabé mostrando particularidades do Hades em cuja entrada existe um rio chamado de o ‘rio do esquecimento’ (em grego *leto*), que deve ser evitado pelas almas que lá chegam após a morte do corpo para beberem da água da memória (em grego *mnemósyne*). A senha obtida pela prática das iniciações permitia a estas almas não errar qual água deveria beber. Depois de passar pelos guardiões, as almas iniciadas desfrutariam, então, de uma vida em local bem-aventurado, diverso dos escuros e sinistros lugares onde as almas viveriam, como castigo pelos erros praticados antes da morte do corpo, inclusive com o retorno às transmigrações em novos corpos.

¹⁶ Tema intensamente discutido no diálogo platônico *Éutifron*.

¹⁷ BERNABÉ, 2011, cap.7 (Alma e corpo); em BERNABÉ, A., 1995 “*Una etimologia platônica: soma-sêma*”, *Philologus*;; BOYANCÉ, P., “*La ‘doutrine d’Euthyphron’ dans le Cratyle*” in *Revue des Études Grecques* n.54, p. 141-175; e outros.

para entender a imortalidade da alma veio posteriormente nos poemas órficos, que introduziram a presença de algo divino e não mortal no homem. É sobre esse entendimento da parcela imortal do homem que Platão se refere na *Carta VII* onde, segundo Alberto Bernabé, “Platão defende e desenvolve em diversas passagens o princípio de que a alma é imortal” (BERNABÉ, 2011, p.155). O comentador refere-se à passagem de Platão:

Na verdade, é preciso crer sempre nas antigas e sacras palavras que nos revelam ser a alma imortal e que, quando libertada do corpo, vai a julgamento e paga com os maiores castigos. Por isso há que considerar ser menor mal sofrer do que cometer, tanto os maiores erros, quanto injustiças. (BERNABÉ, 2011, p.155).

Essas noções, tanto da imortalidade da alma como da sua existência separada da alma e do corpo, estão presentes em quase todos os pensadores formadores da filosofia ocidental. Tradição filosófica que se fundiu com a religião cristã, sendo, portanto, fundamental no entendimento da elaboração filosófica produzida por Sócrates e desenvolvida por Platão, utilizada, ou na íntegra ou de maneira alterada, em seus diálogos, proporcionando ideias que advêm das antigas doutrinas religiosas, principalmente do orfismo e do pitagorismo, numa mescla de fundamentos filosóficos e religiosos.

Temos como referência dessa continuidade cultural os gnósticos e os neoplatônicos da era cristã, que se desenvolveram entre os séculos III e VI, estudando o ser, o Ser Supremo, o *nous* e a alma, e com exemplos representados principalmente por Plutarco e Agostinho.

Voltando ao diálogo *Axíoco* observamos que Sócrates é chamado a consolar um moribundo que está necessitado de reabilitação psicológica devido a seu medo da morte iminente e o que acontecerá com sua alma no além-túmulo. O filósofo fundamenta seu discurso de consolo, com a mudança do gênero de vida para obtenção dos benefícios adquiridos. Mudança que o homem precisa exercer com ações que proporcionam o bem-estar ao próximo, o que resultará numa vida de além-túmulo de bem-aventuranças. Esse comportamento era praticado pelo próprio filósofo ateniense que procurava modificar-se, praticando ações menos injustas, prática esta que entendemos como uma doutrina de amor.

Assim Sócrates aponta que a diferença entre o bem material e o bem moral ou bem para a alma, está nas atitudes do homem, pois após da morte do corpo os bens morais “não serão de ti subtraídos, mas poderás sim deles fruir de maneira mais pura:

não gozarás desses prazeres mesclados ao corpo mortal, mas dos prazeres não misturados às dores” (PLATÃO, 211, p.301)¹⁸.

Atendendo Clíncias, Sócrates se encontra com Axíoco, seu pai, no diálogo de mesmo nome onde Platão desenvolve o tema da morte e suas consequências para a alma. Por estar Axíoco “próximo do fim” (assim se expressa Platão), Sócrates é solicitado para confortá-lo sobre seu destino após a morte do corpo; pedido que o mestre de Platão não se abstém por ser cômico do seu “dever religioso”.¹⁹

Já no início da abordagem com Axíoco, Sócrates mostra sua doutrina sobre a vida após a morte ao pronunciar: “Não compreendes que a vida é um efêmero exílio que deve ser vivido decentemente para depois seguir o destino ao menos resolutamente, senão celebrando com peãs? Mostrar-se tão fraco e resistente a ser arrancado da vida é algo pueril e indigno de um homem razoável.” (PLATÃO, 2011, p.292-293).

Esse viver razoável é o que vemos que o filósofo ateniense se dispõe a mostrar: que a vida precisa ser vivida condignamente, segundo diretrizes divinas e sem errar o alvo (pecar). Aliás, esse pensamento socrático se estende a suas ações, como se percebe nas atitudes que Platão apresenta de seu mestre na *Apologia de Sócrates*, atitudes que lhe custaram a condenação à morte. Mas que deixaram a marca de um comportamento coerente com a fidelidade e o amor aos seus deuses, abstendo-se de negar suas convicções de manter atitudes condizentes com sua religiosidade – abnegação e fé.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

As especulações sobre a ideia do corpo como prisão da alma, a teoria da reminiscência e os mitos escatológicos são alguns pontos que traduzem de forma convincente a tradição do período clássico grego. O texto platônico *Axíoco* que utilizamos tem seu tema central direcionado a imortalidade da alma e os benefícios dos ‘iniciados’ que privilegiam suas almas após a morte do corpo. Nele, Platão traz a afirmação convicta de que a memória pode ser útil também para o homem consolar-se

Não tivemos a intenção de discorrer sobre a ideia da iniciação que culturalmente levava o homem a pensar que teria uma vida, após a morte, em estado de bem-aventurança. Mas, sobretudo mostrar que a mudança do comportamento e um gênero de

¹⁸ *Axioco*, 370c.

¹⁹ Expressões utilizadas por Platão no *Axioco*, 364b e c (PLATÃO, 2011 p, 292).

vida do homem que se dispõe a recondicionar suas ações de maneira prudente, podem modificar o destino da alma no mais além.

Para essa mudança de gênero de vida, achamos irrevogável a necessidade da ação da memória como influenciadora impar nas decisões que o livre-arbítrio exerce. Sem essa memória de seus atos impuros, o homem se torna refém de ações pecadoras, que erram o alvo e que o levam a uma vida futura incoerente com os ensinamentos divinos.

O homem é o único responsável pelos seus atos. A sua memória lhe traz a certeza sobre as consequências das suas ações e ele precisa estar conscientizado de que sua alma terá uma vida após a morte inteiramente relacionada com suas atitudes. Sendo a alma imortal e naturalmente direcionada às lembranças natas do mundo divino, o homem tem na memória um dos mais fortes aliados para manter ações prudentes que lhe possam garantir a bem-aventurança desejada para a vida futura.

Sócrates se prontificou em tornar mais equilibrado o estado emocional de Axíoco, pois sua preleção sobrepõe-se a uma simples conversação de consolo. O filósofo tenta mostrar ao moribundo que seu comportamento durante a vida foi prudente, o que lhe confere o direito de um retorno ao mundo dos deuses, sem as dores provocadas pelas consequências de ações más. A última observação de Sócrates a Axíoco é: “tu, Axíoco, que viveste como pessoa piedosa, serás necessariamente feliz”. (PLATÃO, 2011, 3003).

Utilizando esse reforço dialético moral vindo de Sócrates, somos conscientes de que a reminiscência permite ao homem desvendar os recantos da memória em busca de soluções para as inúmeras situações práticas ou emocionais que permeiam o comportamento diário. Requisitando assim, um apoio para uma decisão imediata com consequências direcionadas ao bem viver futuro. Segundo os conselhos de Sócrates, a melhor ação para garantir uma vida futura sem os sofrimentos, sejam eles durante a vida terrena ou na vida de além-túmulo que a alma imortal trilhará, é agir prudentemente com o pensamento de não praticar injustiça ao próximo.

A prática da injustiça, para o filósofo ateniense, é uma ação que erra o alvo, em outras palavras é uma ação pecadora. E já no período clássico grego (século VI a IV a.C.), Sócrates divulgou e exemplificou que essas atitudes poderiam ser observadas com o uso da memória com a qual o homem resgata suas ações pretéritas. E como saber se a ação foi indevida, errada? Basta usar novamente a memória e recordar as consequências daquela ação.

A memória é assim, um recurso, uma virtude que o homem precisa dar atenção especial, pois através dela, ele tem a possibilidade de rever seus erros comportamentais

e corrigi-los com a mudança no gênero de vida sugerida por Sócrates e ter uma vida futura mais próxima da divindade, de bem-aventurança. Uma vida futura mais feliz. Um viver melhor.

REFERÊNCIAS

- BERNABÉ, Alberto (2004). *Textos òrficos y Filosofía Présocrática*. Madrid: Editorial Trotta.
- _____. (2011). *Platão e o orfismo – Diálogos entre religião e filosofia*. Tradução de Dennys Garcia Xavier. São Paulo: Annablume.
- _____. (2012). *Hieros Logos. Poesia órfica sobre os deuses, a alma e o além*. Tradução de Rachel Gazolla. São Paulo: Paulus.
- BERNABÉ, Alberto y CASADESÚS, Francesc. (Coord.) (2008). *Orfeo y la tradición órfica– Um reencuentro – Dois Volumes*. Madrid: Akal.
- BURKERT, Walter. (1972). *Lore and Science in Ancient Pythagoreanism*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- _____. (1991). *Antigos Cultos de Mistério*. Tradução de Denise Bottaman. São Paulo: EDUSP.
- _____. (1991a). *Mito e Mitologia*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70.
- _____. (1993). *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Tradução de M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____. (2001). *A Criação do Sagrado. Vestígios biológicos nas antigas religiões*. Tradução de Vítor Silva. Lisboa: Edições 70.
- _____. (2003). *Les Cultes à Mystères dans l'Antiquité*. Nouvelle traduction de l'anglais par Alain-Philippe Segonds. Paris: LesBellesLettres.
- CORNELLI, Gabriele. (2002). As fronteiras filosóficas do pitagorismo: conflito e contradição na historiografia sobre o pitagorismo. In *Boletim do CPA*. Campinas, ano VII, n 13/14, pp. 125-142.
- _____. (2010). *Em busca do pitagorismo: o pitagorismo como categoria historiográfica*. São Paulo: USP.
- _____. (2011). *O pitagorismo como categoria historiográfica*. Coimbra, CECH.
- DODDS, E. R. (2002). *Os Gregos e o Irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta.
- _____. (2002a). *Plato – Górgias. A revised text with introduction and commentary by E. R. Dodds*. Oxford: Clarendon.
- ELIADE, Mircea. (2002). *O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2008). *Muerte e iniciaciones místicas*. La Plata: Terramar.

- _____. (2010). *História das crenças e das idéias religiosas*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. (Volume I). Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2011). *História das crenças e das idéias religiosas*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. (Volume II e III). Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2011a). *Mito e Realidade*. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva.
- KAHN, H. Charles (2007). *Pitágoras e os Pitagóricos – Uma breve história*. Edição brasileira realizada por intermediação da Agência Literária Eulama. São Paulo: Edições Loyola.
- MORA, J. Ferrater. (2004). *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. Quatro Tomos. São Paulo: Edições Loyola.
- NEGRAES, Edith de Carvalho (Tradutora). (2005). *O Livro dos Mortos do Antigo Egito – O primeiro livro da humanidade*. Brasil: Hemus.
- NUNES SOBRINHO, Rubens Garcia. (2011). *Iniciação ao Princípio*. Archaí, *REVISTA DE ESTUDOS SOBRE AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL*. Brasília: Cátedra UNESCO da Universidade de Brasília, n.6, jan.
- PARKER, Robert (1983). *MIASMA, Pollution and Purification in Early Greek Religion*. New York: Oxford.
- PLATÃO (1970). *Górgias*. Tradução, apresentação e notas de Jaime Bruna sob a direção de J. Cavalcante de Souza. São Paulo: DIFEL.
- _____. (1972). *Apologia de Sócrates, Êutifron, Críton*. Tradução e notas por M.º Pulquério. Lisboa: Verbo.
- _____. (1972a). *Defesa de Sócrates*. Tradução de J. Bruna. São Paulo: Abril Cultural. (Os Pensadores – volume II).
- _____. (1972b). *O Banquete*. Tradução de José Cavalcante de Souza, *Fédon, Sofista e Político*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural. (Os Pensadores – volume III).
- _____. (2001). *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet, em tradução de Maura Iglesias. Rio de Janeiro: Editora PUCRio; São Paulo: Edições Loyola.
- _____. (2007). *Êutifron, Apologia de Sócrates e Críton*. Tradução, introdução, notas e posfácio.º de José Trindade Santos. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- _____. (2008). *Fedro, Eutifron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro. (Platão Diálogos, vol. III).
- _____. (2010). *Crátilo, Cármides, Laques, Ion, Menexeno*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro. (Platão Diálogos, vol. VI).
- _____. (2011). *Diálogos Suspeitos e Apócrifos*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro. (Platão Diálogos, vol. VII).

VERNANT, Jean-Pierre (1990). *Mito e pensamento entre os gregos. Estudos de psicologia histórica*. Tradução de HaiganuchSarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (2008). *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel.

_____. (2009). *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes.

(Recebido em novembro de 2017; aceito em dezembro de 2017)